

## **BAD O QUE?**

### **Uma produção sobre o Badminton**

Aline Santos do Nascimento

EMEF Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo

Conhecido por ser o esporte mais desconhecido, o badminton é bastante próximo da realidade brasileira. Cada partida conta com estruturas do vôlei de praia, do tênis e do frescobol; uma peteca; e uma raquete estranha, tipo aquela que você usou o verão inteiro contra pernilongos, a zika e a dengue (Porta dos Fundos, 2016).

O presente trabalho foi desenvolvido com 35 estudantes do 5º ano C da EMEF Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, localizada na zona leste de São Paulo. Iniciamos essa empreitada no início do segundo semestre após encerrarmos os estudos sobre o handebol e finalizamos no final do ano letivo.

Após retornar do recesso escolar, fiquei pensando na necessidade de selecionar uma prática corporal, a ser objeto de estudo, que ainda não havia sido investigada com essa turma. Por alguns motivos, optei pelo badminton, sendo eles: ser uma prática ainda não investigada com nenhuma turma na escola; pelo número bom de raquetes e petecas que nunca foram utilizadas na escola; pela necessidade de ampliar o acervo de práticas corporais pouco conhecidas e/ou vivenciadas pelos estudantes; por ser uma prática esportiva que oficialmente é possível jogar com equipes mistas.

No primeiro encontro com a turma conversamos sobre o encerramento do trabalho anterior e esclareci os motivos que me levaram a escolher o badminton. Logo, algumas pessoas me questionaram: “*Professora, o que é badminton?*”; “*Bad o que?*”; “*Mas não sabemos jogar isso*”. Diante disso, expliquei resumidamente que a prática se tratava de um combinado de regras de outras modalidades e que se aproximava do tênis e do frescobol. Claro, não se esquecendo de suas especificidades.

Levei para o encontro o material utilizado no badminton para apresentá-lo a turma. No final do encontro, fizemos uma breve vivência prática no pátio. Com uma bexiga eles deveriam golpeá-la com força, nesse momento a bexiga simbolizava a peteca. Depois, fizeram a mesma coisa com petecas próprias do esporte. A intenção foi de proporcionar um momento onde eles pudessem se aproximar da prática. Utilizei a bexiga para que eles exercessem força tanto com a raquete como com as mãos, já que o

badminton é um esporte muito rápido e apesar da peteca ser leve é preciso, em diversos momentos, exercer força ao golpeá-la para seu adversário.



No encontro seguinte, montei na quadra uma rede numa altura inferior ao estabelecido pelas regras do badminton para que pudéssemos ter nossa primeira vivência do jogo. A princípio tínhamos um número de 14 raquetes, o que nos permitiu fazer 07 jogos simultâneos. Enquanto alguns estudantes estavam jogando, os demais estavam jogando em duplas com outras petecas. Essas petecas foram confeccionadas com jornal e tecido e já estavam disponíveis na escola para uso. Esse movimento aconteceu durante duas aulas.



Nos encontros seguintes as vivências práticas tiveram outro formato. Na quadra, xs estudantes deveriam fazer o controle da peteca junto à raquete ou, como eu prefiro dizer, fazer o máximo de “petequinhas”. Entrei na onda e fui tentar fazer (risos). Claro, passei vergonha, não consegui chegar a 10. Isso possibilitou que aquelxs que também não conseguia não parasse de tentar. Criamos ali um momento bem agradável e descontraído. Ríamos de nós mesmo o tempo todo. O máximo de “petequinhas” que uma pessoa conseguiu foi de aproximadamente 42. Foi o dia de petecar.



Para ampliarmos e aprofundarmos nossos conhecimentos levei diversos vídeos para que pudéssemos apreciar. O primeiro vídeo que apresentei foi produzido pelo canal “Porta dos Fundos<sup>1</sup>” onde apresenta o badminton para uma pessoa que sequer sabe de sua existência. Confesso que quando estava selecionando os vídeos dei muita risada com as expressões presentes no vídeo, algo muito próximo do que havia acontecido com a turma. Ao apresentá-lo, muitxs estudantes relataram se sentir da mesma maneira que o protagonista do vídeo: perdidx.

O segundo vídeo é uma produção feita pelo Mauro Nakada<sup>2</sup> que em seu canal do youtube tem uma série de vídeos explicativos, as principais regras e características das modalidades olímpicas. Essa produção foi feita para ser veiculada antes das Olimpíadas 2016, no Brasil.

Já o terceiro vídeo produzido pelos estudantes Alex e Álvaro (colégio Aquila) apresenta as posições e golpes básicos<sup>3</sup> do badminton, sendo eles: posição de espera; saque largo; saque curto; movimento de “estocada”; drive; revés; lof o globo; drop; net drop (deixada); clear; smash (cortada). O vídeo é bacana porque no final apresenta alguns

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-iIorTpwLJI>>. Acessado em 10/08/2017.

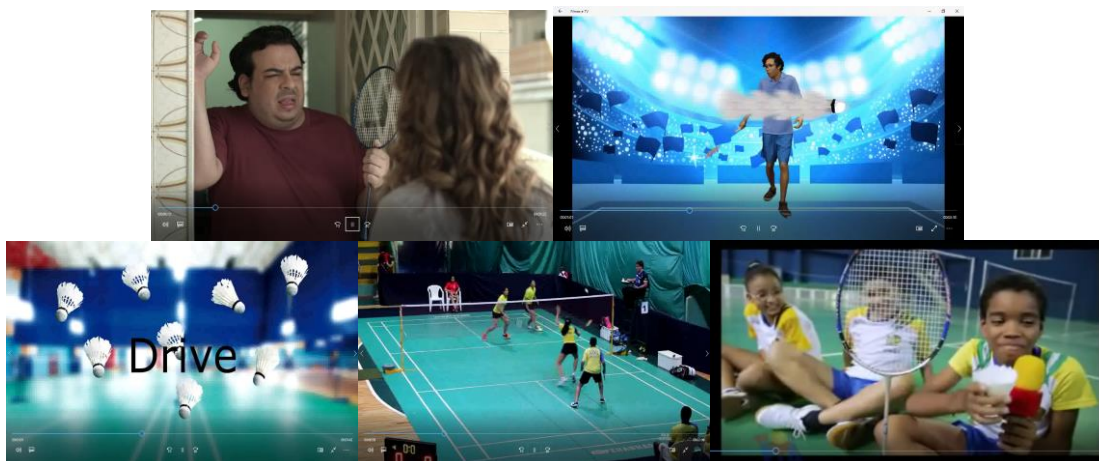
<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KViTLYbVAFg>>. Acessado em 10/08/2017.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m3LJqIO2G1k&t=84s>>. Acessado em 10/08/2017.

gráficos dessas posições e golpes, o que nos ajuda a entender qual a melhor ação a exercer dependendo da jogada adversária.

O quarto vídeo apresenta alguns momentos do Campeonato Sul-americano de badminton – SULAM<sup>4</sup>, realizado na cidade de Foz do Iguaçu, entre os dias 06 a 13 de dezembro de 2015. Essa filmagem foi produzida no primeiro dia de competição e apresenta diversos atletas, da categoria até 15 anos, competindo no formato simples masculino, simples feminino e dupla mista.

O quinto vídeo é uma reportagem feita pelo Canal Piá na Web<sup>5</sup> que apresenta um projeto social de grande repercussão na favela da Chacrinha, localizada em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Nesse projeto centenas de crianças treinam todos os dias num ginásio erguido dentro da comunidade por Sebastião Oliveira, um apaixonado pelo esporte, que dedicou a sua vida à construção da quadra, que fica nos fundos de sua casa. Seu filho, Donian, de 11 anos, é um campeão: já percorreu vários países da América do Sul, em campeonatos angariando várias medalhas e está pensando em chegar até as Olimpíadas.



A análise e apreciação desses vídeos nos ajuda a compreender como a prática é realizada e utilizada na sociedade, permitindo a ampliação de nossos conhecimentos no que tange as regras, contexto histórico, seus elementos e alguns de seus representantes nacionais e internacionais. Esse movimento teve duração de duas aulas.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MKyj8BBAX6Y>>. Acessado em 10/08/2017.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NVOINIP2EV8>>. Acessado em 10/08/2017.

Depois levei algumas raquetes a uma peteca oficial com 16 penas de ganso do lado esquerdo. Esse material foi emprestado pela professora Jaqueline Martins<sup>6</sup> e nos ajudou em muito durante as vivências práticas. Fomos para quadra e deixei com que todos os estudantes manuseassem e golpeassem a peteca oficial. Em seguida, em duplas, eles ficavam realizando os golpes que apareceram nos vídeos acessados nas aulas anteriores.

A maior dificuldade que pude perceber durante as vivências práticas são os golpes. Fizemos esses golpes durante toda a aula. Trocamos de duplas, raquetes e petecas. Os estudantes conseguiram perceber que uma raquete é mais pesada que outra bem como as petecas disponíveis. Eles não gostaram muito da peteca mais leve (oficial), pois era muito mais difícil o seu controle. Apesar da euforia inicial em utilizar a peteca oficial, no decorrer da aula a briga foi para quem jogava com a peteca verde (mais pesada).



Na quadra, utilizei a rede de vôlei e adaptei as linhas do vôlei para que pudessemos jogar conforme suas regras. O que nos surpreendeu foi que estava garoando e ventando muito, então a dupla que estava posicionada contrária o vento foi prejudicada durante os jogos, pois o vento acabava impedindo que suas jogadas chegassem ao campo adversário e quando eles iam para recepcionar a peteca o vento fazia com que ela tivesse sua trajetória alterada, ludibriando-os.

No início os estudantes ficaram irritados, então resolvemos esquecer as regras e tentar fazer com que a peteca ficasse no ar durante o jogo. Depois dessa decisão percebemos que estávamos conseguindo jogar. Percebi também que eles não se organizam no espaço da quadra e quando a peteca vinha, duas pessoas iam de encontro e a peteca acabava caindo. Isso gerou certo desconforto. Pedi para que eles conversassem

---

<sup>6</sup> Querida parceira do GPEF que tem um acervo imenso de materiais de diversas práticas corporais.

sobre quem iria primeiro na peteca, ou dividissem suas ações pelo espaço da quadra. Era preciso organizar as posições e ações.

Ainda, percebi que elxs em muitos momentos giravam a raquete durante o golpe o que fazia com que a peteca fosse para trás e/ou batia na raquete e caía no chão. Diversos erros de saque aconteciam, elxs jogavam a peteca para cima e quando tentavam golpeá-la, a mesma caía no chão. Os jogos foram organizados através do número de participantes e o tempo de aula. Como partes da quadra estavam molhadas e conseguimos montar apenas uma rede, fizemos jogos de 10 pontos. Assim, conseguimos que todxs que estavam presentes participassem. Havíamos combinado de utilizar a peteca oficial durante as vivências de jogos, mas pelo encontro anterior elxs se recusaram a jogar com ela por ser *“muito leve professora”*.

A aluna Raíssa, na aula anterior, havia me perguntado se ela poderia fazer outra coisa para ajudar, pois não queria participar dos jogos. Perguntei se ela poderia ficar a cargo dos registros e já nessa aula ela fez a filmagem dos jogos. A ideia é que ela possa ir fazendo diversas montagens com os registros que for coletando. Seus registros perpassam a escrita desse texto.



Durante o andamento do estudo, elaboramos um projeto para que fosse pintado em um espaço livre três quadras de badminton para que pudéssemos utilizar. Tivemos a ajuda do professor de geografia que fez os cálculos da área disponível a ser pintada com as dimensões das quadras. Ainda, a ajuda da professora de Educação Física que também iniciou os estudos do badminton com suas turmas (trazendo força para o projeto) e justificamos que seria além de um espaço disponível para a prática uma conquista coletiva dxs estudantes. Depois de ser analisado pela gestão da escola, a pintura foi realizada e a conquista muito bem festejada. Afinal, aquilo fora a materialização de um estudo durante as aulas de Educação Física. Mais um terreno conquistado!

Após a finalização da pintura, fomos revezando as diversas possibilidades de vivenciar a práticas (misto, feminino x feminino, masculino x masculino, feminino x masculino). Em uma das fotos, os registros sendo realizados pela aluna Raíssa.



A fim de finalizarmos os estudos sobre o badminton em conversa com xs estudantes decidimos montar maquetes para deixar expostas a comunidade escolar a fim de proporcionar acesso a prática pouco conhecida e ao trabalho desenvolvido. Essas maquetes foram produzidas por grupos e deveriam expressar o badminton e conter informações que xs estudantes achassem necessárias para que o público pudesse compreender a maquete e o projeto realizado durante as aulas. O acervo produzido ficou exposto durante algumas semanas e foi visto pela comunidade durante as reuniões de pais e responsáveis.

Tendo em vista todo esse percurso e ciente das produções realizadas pelxs estudantes, pesquisas realizadas, materiais de suporte acessados, diversas formas de organização e prática, possibilidade de participar da aula de diversas maneiras, ajuda de professores parceiros e parceria da gestão na materialização das quadras penso que a educação física pautada nos pressupostos do currículo cultural possibilita uma prática pedagógica capaz de ouvir e potencializar a produção de conhecimentos dxs estudantes, que pra mim são autores/artistas de um currículo vivo.

